

REPRESENTAÇÃO SOCIAL E BIOGRAFIA:

Brasília nas crônicas de Yvonne Jean

EIXO TEMÁTICO 03: Representação, Memória e Preservação do Urbano

MOTA, Ana Flávia Rêgo

Doutoranda; Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília
ana.mota@unb.br

PEIXOTO, Elane Ribeiro

Doutora; Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília
elanerib@hotmail.com

RESUMO

O artigo apresenta o debate teórico de pesquisa de doutorado em andamento que investiga as representações sociais de Brasília a partir dos registros da jornalista belga Yvonne Jean (1911-1981) que chegou no Brasil em 1940, na cidade do Rio de Janeiro, deixando de atuar como histologista, profissão que mantinha na Bélgica, para se tornar jornalista, escritora, intérprete, tradutora e galerista. Suas colunas na imprensa carioca e, posteriormente, na imprensa paulistana se tornaram importante registro do cenário cultural brasileiro do momento, atraindo a atenção de Darcy Ribeiro, que a convidou para trabalhar na Universidade de Brasília, em 1962. O objetivo deste artigo é debater as ideias de representação social e biografia, para investigar de que forma esses conceitos possibilitam uma abordagem mais ampla sobre as cidades. Busca-se a representação de Brasília a partir da tensão entre a trajetória biográfica de Yvonne Jean e suas crônicas de jornal - publicadas no Correio Braziliense de 1962 a 1971 -, na tentativa de revelar uma narrativa da nova capital, em seus anos iniciais, conforme vista por um olhar particular, ressaltando que mesmo as particularidades não se formam de maneira isolada, mas a partir da imbricação de seu contexto, seus fatos históricos, suas convivências e suas subjetividades.

Palavras-chave: representação social; biografia; crônica; Yvonne Jean; Brasília.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article presents the theoretical debate of ongoing doctoral research investigating the social representations of Brasília based on the records of Belgian journalist Yvonne Jean (1911-1981), who arrived in Brazil in 1940, in the city of Rio de Janeiro. She left her profession as a histologist in Belgium to become a journalist, writer, interpreter, translator, and gallery owner. Her columns in the Rio de Janeiro press and, later, in the São Paulo press became an important record of the Brazilian cultural scene of the time, attracting the attention of Darcy Ribeiro, who invited her to work at the University of Brasília in 1962. The objective of this article is to discuss the ideas of social representation and biography, to investigate how these concepts allow for a broader approach to cities. This study seeks to represent Brasília through the tension between Yvonne Jean's biographical trajectory and her newspaper chronicles – published in Correio Braziliense from 1962 to 1971 – in an attempt to reveal a narrative of the new capital in its early years, as seen through a particular perspective, highlighting that even particularities are not formed in isolation, but from the interweaving of their context, historical facts, social interactions, and subjectivities.

Keywords: social representation; biography; chronicle; Yvonne Jean; Brasília.

RESUMEN

Este artículo presenta el debate teórico de una investigación doctoral en curso que analiza las representaciones sociales de Brasília a partir de los registros de la periodista belga Yvonne Jean (1911-1981), quien llegó a Brasil en 1940, concretamente a Río de Janeiro. Dejó su profesión de históloga en Bélgica para dedicarse al periodismo, la escritura, la interpretación, la traducción y la galería de arte. Sus columnas en la prensa de Río de Janeiro y, posteriormente, en la de São Paulo, se convirtieron en un importante testimonio del panorama cultural brasileño de la época, atrayendo la atención de Darcy Ribeiro, quien la invitó a trabajar en la Universidad de Brasília en 1962. El objetivo de este artículo es debatir las ideas de representación social y biografía, e investigar cómo estos conceptos permiten una visión más amplia de las ciudades. Este estudio busca representar Brasília a través de la tensión entre la trayectoria biográfica de Yvonne Jean y sus crónicas periodísticas —publicadas en el Correio Braziliense entre 1962 y 1971— con el fin de revelar una narrativa de la nueva capital en sus primeros años, vista desde una perspectiva particular. Se destaca que incluso las particularidades no se forman de manera aislada, sino a partir de la interrelación de su contexto, hechos históricos, interacciones sociales y subjetividades.

Palabras clave: representación social; biografía; crónica; Yvonne Jean; Brasília.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar uma possibilidade de abordagem para as pesquisas sobre as cidades, em especial, aquelas que têm a literatura como fonte. Está exposto aqui o debate teórico em torno das ideias de representação e biografia que sustentam a pesquisa de doutorado em andamento que parte das crônicas da jornalista Yvonne Jean para investigar como Brasília foi representada e questiona os sentidos conferidos, por ela, à nova capital nos seus anos iniciais. Seus textos foram publicados entre os anos de 1962 e 1971 nas colunas *Esquina de Brasília* e *Ensino Dia a Dia*, no jornal *Correio Braziliense*, o primeiro veículo impresso de comunicação de Brasília.

A professora e cientista social Silvana Rubino debate sobre a relevância que a obra escrita tem para a formação do campo da arquitetura, não dando ao texto uma importância inferior à das obras e projetos, mas compreendendo-o como uma outra expressão com igual peso e influência. Enquanto a arquitetura é imóvel, enraizada em seu lugar, as palavras circulam livremente, transportando os debates, as ideias e as opiniões para locais diferentes.

Ainda que Rubino concentre sua pesquisa nos textos de arquitetura e de urbanismo da arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992), seu argumento pode ser aplicado a esta pesquisa e expandido para se pensar que as palavras vão além da mera descrição de artefatos físicos - arquitetônicos ou urbanos. Elas não podem ser lidas como um reflexo da realidade, mas como sua representação. Formam um ciclo de retroalimentação, no qual os artefatos são descritos no texto e as palavras lhe conferem sentido a partir de sua carga simbólica.

Os paralelos entre as trajetórias de Yvonne Jean e de Lina Bo Bardi também não passam despercebidos, apesar de não serem o foco da pesquisa. A arquiteta italiana e a jornalista belga partilham a condição de imigrantes, ambas chegaram ao Brasil pelo mar e se interessaram pela cultura local. Valorizaram o artesanato e a arte popular do país. Tal como Yvonne Jean, Lina Bardi trabalhou na imprensa, criando a revista *Habitat* (1950), especializada em arquitetura. Tanto Jean quanto Bardi viveram a Segunda Guerra Mundial e chegaram em um país sem escombros, onde exemplares de arquitetura moderna despontavam. Ambas foram pioneiras na abertura de oportunidades de trabalho para as mulheres, cujos espaços eram restritos naquela época e utilizaram a escrita como meio de expressão, ponto que direciona a investigação desta tese.

PENSAR FORA DO EIXO

Em Brasília, Yvonne Jean publicou, quase diariamente, crônicas no jornal *Correio Braziliense*, nas colunas *Esquina de Brasília* e *Ensino Dia a Dia*, entre os anos de 1962 e 1971. A *Esquina de Brasília*, com início em 1962, foi substituída depois de alguns meses pela coluna *Ensino Dia a Dia*, mas retornou em 1965 e foi mantida até 1971. No total, foram 1089 crônicas registrando as impressões de Yvonne Jean sobre o cotidiano da nova capital, a infraestrutura da cidade recém-inaugurada, a educação, mostras artísticas, visitas de personalidades, eventos culturais de música, cinema, literatura e teatro.

Nascida Yvonne Silberfeld, na Antuérpia, Bélgica, em 20 de abril de 1911, com origem judaica, imigrou para o Brasil em 1940, fugindo da invasão nazista em seu país. Ao chegar no Rio de Janeiro, trabalhou por um breve período como histologista, sua área de formação, mas logo o jornalismo se tornou sua atividade profissional principal, assumindo o pseudônimo Yvonne Jean. De 1941 até meados da década de 1970, escreveu para diversos jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, entre eles *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Última Hora* e *Correio Braziliense*.

Sua sólida formação e seu domínio de diversos idiomas lhe possibilitou atuar no campo das artes, da educação e das letras, como professora, tradutora, intérprete, galerista e escritora de livros, e manter uma rede de relacionamentos bastante diversificada. Essa rede heterogênea compunha-se de escritores, artistas, músicos, jornalistas, políticos e juristas. A soma dessa pluralidade lhe garantiu uma posição de destaque e um convite de Darcy Ribeiro para colaborar com o desenvolvimento da Universidade de Brasília, então, recém-fundada.

Em 1962, chegou a Brasília e permaneceu na cidade até sua morte, em 1981. Na Universidade, trabalhou como intérprete na tradução de aulas e conferências de professores estrangeiros, intermediou a comunicação da Reitoria com visitantes estrangeiros, recepcionando e apresentando a nova capital e a nova universidade. Em 1963, somou esforços junto ao Centro de Extensão Cultural e promoveu cursos e exposições relacionados à valorização do artesanato, buscando criar pontes entre o meio acadêmico e a produção cultural local e nacional.

Yvonne Jean foi presa pela ditadura militar por alguns dias, em julho de 1964, foi afastada da universidade, mas não integralmente, uma vez que ainda trabalhou como intérprete em conferências e como tradutora de obras publicadas pela editora da instituição. Manteve seu trabalho como jornalista e colaborou com o *Correio Braziliense* até 1971. Depois de uma pausa, retornou para o jornalismo no *Jornal de Brasília* onde ficou entre 1975 e 1976. Posteriormente, em 1977,

PENSAR FORA DO EIXO

teve três artigos publicados entre abril e maio daquele ano no *Correio Braziliense*, ao que parece ser o encerramento de sua carreira jornalística.

AS IDEIAS DE REPRESENTAÇÃO E DE BIOGRAFIA

A pesquisa parte das crônicas publicadas por Yvonne Jean entre os anos de 1962 e 1971 nas colunas *Esquina de Brasília* e *Ensino Dia a Dia*, no jornal *Correio Braziliense*, para investigar como Brasília foi representada pela jornalista e questiona os sentidos conferidos, por ela, à nova capital nos seus anos iniciais. Os textos, de modo geral, divulgavam eventos culturais da cidade - apresentações de música, teatro, exposição -, a abertura de novas instituições ou serviços, as condições de infraestrutura, paisagismo e arquitetura na nova capital, a visita de personalidades nacionais ou internacionais, e assuntos cotidianos como fatos que a própria Yvonne Jean vivenciou ou observações sobre a cidade.

De modo geral, a *Esquina de Brasília* abordava assuntos ligados à arte, à cultura, à educação e à cidade. Enquanto o *Ensino Dia a Dia* concentrou-se em fazer um balanço das instituições de ensino da cidade, dando bastante visibilidade para a implantação da Universidade de Brasília. Como fonte documental, as crônicas compõem importante registro da consolidação e das transformações da cidade nos seus anos iniciais e possibilitam a aproximação entre os campos da Arquitetura e Urbanismo com a História e a Literatura. Ao mesmo tempo que registram o cotidiano da nova capital, permitem explorar as impressões, os apelos e as expectativas tecidas pela jornalista em torno da nova cidade.

As pesquisas com abordagem semelhante à pretendida nesta tese encontram-se na esfera da História Cultural e estão bastante consolidadas. Por volta dos anos 1970, os historiadores ingleses neomarxistas e os franceses da Escola dos *Annales* colocaram em xeque os marcos conceituais dominantes do campo da História, baseados nas visões marxista e da história total. A partir dessa crise paradigmática, aproximaram-se de questões culturais, o que encaminhou o campo para investigações das práticas e das experiências, sobretudo das pessoas comuns, e para a análise de como estas se traduzem em valores, ideias e conceitos sobre o mundo (PESAVENTO, 2012, p.32).

Como subcampo da História Cultural, o urbanista venezuelano Arturo Almandoz se apoia no que coloca como a História Cultural Urbana, uma perspectiva mais específica que, "(...) tem sido amplamente caracterizada pela diversidade de fontes e discursos utilizados para recriar, geralmente em uma abordagem micro histórica, as manifestações culturais de diferentes atores urbanos, bem

PENSAR FORA DO EIXO

como suas formas de representação” (2002, p.31). Para ele, às fontes de pesquisa tradicionais da história urbana foram acrescidos documentos de gênero literário não especializados do campo do urbanismo como os ensaios, poesias, relatos de viagem, representações pictóricas e cinematográficas.

Sendo assim, ressalta-se que a História Cultural não se refere a uma postura ou metodologia única, no entanto, seus principais pesquisadores partem de um ponto comum de “resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas e práticas” (PESAVENTO, 2012 p.17). É a partir dessa postura, resultado do questionamento da racionalidade e da objetividade como forma de se alcançar o real, que os historiadores passaram a negar a existência de verdades absolutas, argumentando que não há realidade histórica acabada, que se entrega por si própria ao historiador através dos documentos (LE GOFF, 1998a, p. 31-32). Ela seria, ao invés disso, uma das diversas possibilidades de narrativas possíveis, a representação de algo que teria ocorrido um dia.

Pesavento (1995, p. 280) estabelece a distinção entre o real acontecido e a História, entendida como narrativa que representa por meio do texto e da imagem. Ao assumir esta posição, a autora admite que não há um único processo compreensivo para a História. Assim, o conceito de representação passou a designar, por si mesmo, a própria História Cultural (CHARTIER, 2015, p. 49). A sociedade, de maneira geral, elabora ideias sobre o real, traduzindo-as em discursos, instituições, imagens e práticas sociais que se colocam no lugar da realidade, qualificando-a, orientando a percepção sobre esta e pautando a existência dessa sociedade (PESAVENTO, 2006, 2012). As representações, portanto, “(...) são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (Ibid., 2012, p. 39).

Considera-se que a cidade é materialidade e, ao mesmo tempo que se impõe fisicamente através de suas formas, seu traçado e de seus edifícios, a cidade se apresenta como “reduito de sensibilidades”, tendo em vista que, desde seu início, seus habitantes se encarregaram de representá-la pelas palavras, pela escrita, pela música ou por imagens (PESAVENTO, 2007, p. 11). Com as crônicas de jornal como fonte documental, este trabalho reitera sua aproximação com o campo da História ao propor uma investigação que coloca a cidade como objeto de reflexão a partir de suas representações. Busca-se trabalhar com o que, de acordo com Pesavento, diz respeito às

PENSAR FORA DO EIXO

formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo e implica resgatar os discursos e as imagens de representação da cidade que incidem sobre os espaços, os atores e as práticas sociais (PESAVENTO, 2012, p. 77-78).

Busca-se alcançar uma ampla discussão sobre a cidade de Brasília a partir de um caso individual, da jornalista Yvonne Jean. Diante disso, a pesquisa se depara com uma importante questão sobre a fonte documental, o texto autoral, registro de percepções e ideias pessoais, vivências propiciadas pelas idiossincrasias da vida de sua autora. Nesse sentido, é fundamental para a devida análise das crônicas que elas sejam lidas à luz do conceito de representação e dos debates propostos pela biografia. As crônicas não revelam Brasília como um caso geral ou uma experiência coletiva, mas uma Brasília específica, vivida por Yvonne Jean. O objetivo da pesquisa é revelar uma narrativa da nova capital em seus anos iniciais, conforme vista por um olhar particular, ressaltando que mesmo as particularidades não se formam de maneira isolada, mas a partir da imbricação de seu contexto, seus fatos históricos, suas convivências e suas subjetividades.

Para esse debate, a pesquisa se apoia nos historiadores François Dosse (2009; 2022) e Sabrina Loriga (1998; 2011). Ambos sugerem uma variação no jogo de escalas, ou seja, sugerem um estudo biográfico que trabalhe com as diferentes dimensões individuais e coletivas da pesquisada e que, a partir dessa variação de enfoque analítico, possibilite o alcance de diferentes significados sobre ela (DOSSE, 2009, p. 359). Para Loriga (2011), este resultado seria o “pequeno X”, a contribuição individual da biografada para o desenvolvimento histórico, desenvolvimento não no sentido de uma melhora, mas de uma realização histórica:

[...] se chamamos de A o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz, então esse A é formado por $a + x$, em que a contém tudo o que lhe vem das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época etc., e em que x representa sua contribuição pessoal, a obra de sua livre vontade. [...] Neste caso, como apreender a relação entre o caso individual singular e o movimento geral da história? (LORIGA, 2011, p. 14).

A pesquisa biográfica não se concentra, portanto, nas questões gerais ou particulares da vida de Yvonne Jean, mas na conexão entre os dois aspectos. Não é possível separar os gestos individuais de sua rede de sociabilidade e de seu contexto histórico, por outro lado, deve-se atentar para não “enraizar” o indivíduo em seu meio social e em seu tempo (BORGES, 2008). É fundamental que se reconstitua o contexto histórico em que se desenrola a vida da biografada tendo em mente que esse contexto não é estanque, mas passível de revisões e reinterpretações, sem correr o risco, ainda, de reduzir a individualidade à coerência do coletivo, mas buscando as maneiras como também agiu

PENSAR FORA DO EIXO

sobre seu contexto, modificando-o. Sem a ambição de preencher todas as lacunas da trajetória, encontra-se na biografia, uma saída que não aprisiona o sujeito histórico e nem exalta-o em detrimento de outros.

A pesquisa biográfica proposta, segue os alertas da historiadora Vavy Pacheco Borges (2008) e não pretende fazer de Yvonne Jean uma personagem que revela a “essência da humanidade”. Da mesma maneira, não procura reconstituir um “projeto existencial”, reduzindo essa vida a uma fórmula ou a um projeto que se realizou. O que se busca é a pluralidade da identidade da biografada (DOSSE, 2022), mantendo o interesse nas possíveis contradições e incoerências que revelariam uma identidade paradoxal, nas condições de escolha, nos padrões de tomada de decisão, nas oscilações, nas afinidades, nos vícios geracionais e culturais etc., evidenciando que as trajetórias não se desenrolam com uma lógica linear ou racional.

É importante mencionar ainda, a noção de biografia intelectual do historiador François Dosse, em que o estudo da trajetória lida com as tensões entre a vida e a produção intelectual do indivíduo. Para ele, “(...) obra e autor aparecem numa irredutibilidade que é como um domínio próprio no qual se revela não uma intenção oculta, mas um já-lá implícito, latente, que mostra ao biógrafo uma longa melodia ininterrupta que é ao mesmo tempo vida e obra” (2009, p.369). Com exercícios profissionais tão diversos, passando pelo campo das artes, da educação, das letras, Yvonne Jean apresenta diferentes camadas - da feminista, da refugiada judia, da mulher politizada, da jornalista, escritora e tradutora -, que possibilitam uma análise do entroncamento dessa complexidade e seus textos. Nesse sentido, seus escritos revelariam as tensões entre sua trajetória pessoal e intelectual, suas experiências de vida e suas elucubrações. Essa imbricação coloca a crônica como fonte documental estratégica, capaz de elucidar questões, percepções, opiniões, reclamações, pedidos ou denúncias, expressos na escrita.

A HEMEROTECA DIGITAL E O FUNDO PRIVADO YVONNE JEAN

Para tanto, dois acervos documentais se cruzam, o da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e o Fundo Privado Yvonne Jean do Arquivo Público do Distrito Federal. O primeiro deles é composto pelas próprias crônicas publicadas no *Correio Braziliense*. As edições do jornal são disponibilizadas na íntegra, pela Fundação Biblioteca Nacional, e a busca pelas crônicas foi feita na Hemeroteca Digital, o portal de acervo de periódicos nacionais da Biblioteca Nacional. A pesquisa pelos textos de Yvonne Jean não ocorreu de maneira direta e simples, ao contrário, apresentou alguns desafios. O sistema de buscas do site funciona através de OCR (*Optical Character*

PENSAR FORA DO EIXO

Recognition ou Reconhecimento de Caractere Óptico) e, como o próprio nome menciona, esse método de busca identifica caracteres que foram digitalizados, no entanto, não há garantia de que a digitalização reconheça integralmente os caracteres, seja por motivos de falha no processo de escaneamento ou danos nas páginas dos originais escaneados. Essa questão, se apresentou como um obstáculo durante a coleta de documentos na Hemeroteca Digital, quando ficou evidente que a busca não identificava todos os textos da autoria de Yvonne Jean.

Alguns deles foram encontrados ao acaso quando se percebeu indícios de que haveria crônicas da Yvonne Jean em alguma edição do jornal não indicada na busca. Fosse por uma quebra na regularidade nos dias da semana que seus textos eram publicados, ou pela menção em seu próprio texto a algum outro não indicado nos resultados da busca. Uma vez que o problema foi identificado, passou-se a uma busca mais primorosa, folheando as edições em que se suspeitava que pudesse haver textos de Yvonne Jean publicados. Esse método se comprovou útil e revelou, de fato, textos não captados pela busca OCR.

Além disso, foi necessário buscar o nome de Jean com grafias diferentes, uma vez que o jornal, por vezes, se referia a ela com ortografias distintas. Sendo assim, o procedimento adotado partiu da seleção do periódico Correio Braziliense (DF), sem recorte temporal e, buscou-se não só “Yvonne Jean”, com sua grafia original, mas também “Ivonne Jean” e “Ivone Jean”, além das suas colunas “Esquina de Brasília” e “O Ensino Dia a Dia”, todos os termos com a utilização das aspas para maior precisão.

A soma dos resultados acusou 2048 ocorrências no total, de 1960 a 2014, mas dentro dessas ocorrências somam-se textos repetidos - acusados em mais de uma busca -, textos não escritos por ela mas que mencionam a jornalista, na maioria das vezes, em aparições sociais, em atualizações de estado de saúde durante um período de tratamento médico ou em textos de homenagens póstumas, por exemplo, ou ainda matérias jornalísticas escritas por Yvonne Jean, que apesar de não comporem o corpus documental analisado pela tese (as crônicas), contribuem para o entendimento da autora, para temas específicos que lhe interessaram em momentos distintos. Após a análise de todas as 2048 ocorrências, chegou-se ao conjunto final que reúne 1089 crônicas da autoria de Yvonne Jean. Sua atuação regular no jornal foi de 1962 a 1971, mas em 1977, observou-se um brevíssimo retorno com a publicação de mais três textos. As crônicas constituem um vasto corpo documental, diante do qual se tem contato com as ideias e opiniões da jornalista. Sua leitura reitera a possibilidade de estudar a nova capital a partir de uma visão externa ao campo

PENSAR FORA DO EIXO

da arquitetura, vinda de alguém que se comunicava com o público geral, e que usou sua plataforma para apresentar suas inquietações e observações.

O outro acervo documental que compõem a pesquisa é do Fundo Privado Yvonne Jean, compostos por materiais de ordem pessoal e profissional. Esse conjunto documental foi doado em 1987 por João Luiz da Fonseca, filho de Yvonne Jean, ao Arquivo Público do Distrito Federal. Uma nota publicada no Correio Braziliense no dia 10 de abril de 1987, menciona a relevância de seu acervo e seu “inegável valor para o conhecimento da história brasileira do pós-guerra, especialmente para a história candanga por possuir importantes informações sobre a vida cultural brasiliense”. O Arquivo Público define como “(...) documentos arquivísticos de valor permanente aqueles acumulados por pessoa física (...), em qualquer suporte, que estejam intimamente vinculados à história do Distrito Federal, na hipótese de que não exista outra solução viável para a sua preservação”, este é o caso dos documentos de Yvonne Jean, que possibilitam um tensionamento com aquilo que era publicado no jornal.

Os documentos do Fundo Privado encontram-se divididos nas categorias: Produção Intelectual (PI), com recortes de jornais e revistas de matérias suas, livros, traduções, cursos e seminários (esses dois últimos não digitalizados); Correspondências (CO); Documentos Pessoais (DP), com agendas, diários, notas, currículos, dossiê UnB e dossiê Abelardo da Fonseca; Periódicos (PE) com artigos de jornais e revistas; Fotografias (FT) de família e amigos, viagens, artesanato, jardins, nu feminino, folclore, de Brasília; e Iconográficos (IC) com postais, pinturas e gravuras, cartazes e tapeçaria. Além disso, em 1989, o acervo recebeu quatro gravações de entrevistas, uma realizada por Marli Guedes da Costa e Ana Cláudia Corrêa Brandão Gracindo com o filho de Yvonne Jean, João Luiz da Fonseca, e outras três realizadas por Georgete Medleg Rodrigues e Renato Tarciso Barbosa de Sousa com amigos da jornalista: a professora Renée Gunzburger Simas, o médico Gustavo Augusto Aurnheimer Ribeiro e Zilah Almeida Reis. Este acervo se mostrou de valor inestimável para compor um quadro de Yvonne Jean. Correspondências, anotações, textos literários, diário, recortes de revistas etc, foram alguns dos documentos que contribuíram para o entendimento de sua vida pessoal e profissional e que, portanto, possibilitaram uma apreensão mais profunda de seus escritos.

YVONNE JEAN, UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Nascida em 20 de abril de 1911, na Antuérpia, Bélgica, de uma família de judeus, Yvonne Silberfeld era a mais velha entre os três filhos do casal Ernest Silberfeld (1882-1957), “homem super-honesto,

PENSAR FORA DO EIXO

o burguês de alta classe", comerciante de diamantes, e Caroline Heilporn Silberfeld (1890-1917). Seu irmão do meio era Roger Silberfeld (1914-1983), que mais tarde adotou o nome de Roger van Rogger, artista e pintor, com passagem breve e exposições artísticas realizadas no Brasil, tendo se estabelecido na França. O filho mais novo do casal, Jacques Silberfeld (1915-1991), foi escritor, sob o pseudônimo de Michel Chrestien, tradutor e professor, e se alistou na França para lutar contra o avanço do nazismo.

Com a morte precoce da esposa, Ernest Silberfeld se casou novamente com a cunhada, Blanche Heilporn Silberfeld (1894-1984). É com o pai e Blanche que Yvonne deixa a Antuérpia no dia 11 de maio de 1940, um dia depois da invasão alemã à Bélgica. Talvez em função da fuga repentina, são poucas as informações sobre sua vida na Europa, sendo possível inferir, através de diferentes fontes documentais, que Yvonne Jean realizou seus cursos primário, secundário e superior na Bélgica. Em sua coluna de jornal, contou que recebeu um "veto formal" de seus pais quando decidiu cursar a universidade: "Submeti-me. Sentia-me infeliz por estar insatisfeita. Acabei reagindo. Lutei e venci com uma facilidade que me espantou". Como resultado, foi técnica em anatomia patológica, especializada em histologia nervosa e Agente Sanitário Tropical, pelo Institut de Médecine Tropicale d'Antwerp.

O Instituto surgiu de uma fusão da Escola de Doenças Tropicais, criada em 1906 pelo rei Leopoldo II no castelo do Parque Duden, em Bruxelas, onde atualmente se localiza a LUCA - School of Arts, para treinar médicos e enfermeiros para trabalharem no Congo, então colônia francesa, e a Clínica Leopoldo II para Doenças Tropicais, em Watermael-Boitsfort. Em 1931, o Instituto se estruturou como Instituto Príncipe Leopoldo de Medicina Tropical, transferindo-se para a Antuérpia, a partir da junção da Escola e da Clínica, formando o *Institut de Médecine Tropicale d'Antwerp*. Em 1933, foi instalado na sede em que se encontra até hoje, um edifício de linguagem arquitetônica art deco, projetado por Marcel Spittaël e Paul Le Bon, vencedores de um concurso de projeto que contou com o arquiteto Victor Horta entre os jurados (INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL DA ANTUÉRPIA).

Yvonne Jean afirma ter estagiado com o Professor Albert Dubois (1888-1977) e o Professor Gavrilov, no Instituto. Posteriormente, foi incorporada ao setor de histologia do *Institut Bunge* da Antuérpia, onde realizou cursos de aperfeiçoamento e trabalhou com o Professor Ludo Van Bogaert (1897-1989), reconhecido mundialmente por seu trabalho como neurocientista, com 753 publicações científicas na área (BAECK, 2005), e o Professor Hans Joachim Scherer (1906-1945),

PENSAR FORA DO EIXO

neuropatologista, refugiado político na Antuérpia entre 1934 e 1941, responsável por pesquisas inéditas relacionadas ao glioma, um tumor do sistema nervoso.

As boas condições financeiras da família Silberfeld se evidenciam com as afirmações de Yvonne Jean sobre viagens para estudar na França, Inglaterra, Áustria, Alemanha, Suíça, Holanda e Itália. Dominava muitos idiomas, português, francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, holandês e flamengo, além disso, realizou estudos de línguas e literaturas latinas e germânicas. Era uma mulher culta e, ainda na Bélgica, experimentou a carreira literária, mesmo sem pretensões profissionais, com colaborações em revistas literárias, publicando contos e poesia.

Em trechos de seu diário, Yvonne Jean apresentou um panorama mais detalhado de suas condições econômicas, sociais e culturais: “(...) a calma de sua vida de moça aparentemente bem comportada, a segurança de sua vida de jovem rica, a calma e a segurança que ora apreciava, ora lamentava”. Com uma infância “(...) aconchegada, segura, moldada. Num meio 'bem', em ambientes cultos. Os estudos. Sérios. E o tênis, e a natação, e as viagens. As férias de verão à beira-mar. As férias de inverno na montanha. O esqui no mar, o esqui na neve.”

O que se segue é o relato da quebra de expectativa gerada pelo avanço dos nazistas, com a fuga repentina de sua família até a chegada ao Brasil: “Afim foram duas vidas com um corte bem nítido: Europa e América; paz, guerra; cultura como meta exclusiva e subdesenvolvimento; tudo traçado (...) e tudo desmanchado, substituído, novo”. Durante um período, Yvonne Jean se separou de seus pais e trabalhou na Cruz Vermelha, mas com o avanço dos nazistas, optou por seguir para Portugal ao encontro deles, onde embarcaram na primeira classe do navio Serpa Pinto e chegaram no Rio de Janeiro no dia 29 de agosto de 1940.

A historiadora Ana Paula Teixeira (2018) faz uma importante análise sobre a recepção dos imigrantes judeus no Brasil e aponta para o fato dos judeus vindos de áreas urbanas da Europa serem bem recebidos, uma vez que eram considerados brancos, fato central para o momento em que o branqueamento da sociedade era buscado, além da carga simbólica associada a essa característica. Enquanto no exterior os semitas eram indesejados e desclassificados como europeus, aqui Yvonne Jean foi recebida como jovem branca, culta, cosmopolita, que em 1941 já era apresentada como “festejada escritora belga” ou, ao lado de Otto Maria Carpeaux e Carlos Drummond de Andrade, apresentados como “figuras consagradas das letras nacionais”.

PENSAR FORA DO EIXO

É preciso ter em mente esse quadro da vida de Yvonne Jean até o momento: uma jovem europeia, poliglota, com uma formação profissional consolidada que, apesar de ser refugiada, possuía conhecimentos e experiências que a colocavam numa posição privilegiada para se inserir na elite cultural e intelectual daquele momento no Rio de Janeiro. Os regalos de sua vida anterior não foram materialmente mantidos no Brasil, mas aqueles de caráter intelectual e cultural lhe possibilitaram um rápido reconhecimento de autoridade.

No Rio de Janeiro, os documentos informam que Yvonne Jean e sua família se instalaram no antigo Grand Hotel Internacional. Até sua venda no ano de 1930, foi um hotel de luxo situado em um grande casarão na Rua do Aqueduto - depois Rua Almirante Alexandrino -, no morro de Santa Teresa. Foi inaugurado em 1º de dezembro de 1891 e pertencia ao francês Ferdinand Mentges, que transformou um antigo sanatório para tuberculosos no “mais cosmopolita dos hotéis do Rio de Janeiro na virada do século XX” (WANDERLEY, 2025). Ficou conhecido por oferecer serviços requintados e salões para encontro de intelectuais e artistas nacionais e estrangeiros, como o bailarino ucraniano Vaslav Nijinski (1889-1950) e a bailarina norte-americana Isadora Duncan (1877-1927), a atriz francesa Sarah Bernhardt (1844-1923) e o arqueólogo e explorador britânico Percy Harrison Fawcett (1867-1925).

João do Rio mencionou o Hotel Internacional em sua crônica Chegada de um estrangeiro ao Rio, de 1912, como local de hospedagem buscada por um estrangeiro. O hotel era divulgado como local para atender a “(...) famílias e estrangeiros que desejem residir em lugar sossegado durante a noite. O seu parque e as suas matas, da extensão de 40.000 metros quadrados, são de grande atrativo para os estrangeiros”.

Em 1940, os registros apontam que a estrutura do hotel funcionava como pensão, sendo impossível revelar as condições de hospedagem que ofereciam ou a qual público se direcionava, mas a falta de notícias sobre eventos sociais no local, levam a crer que ele não era mais um ponto importante de socialização.

A pesquisa ainda se concentrará na análise das primeiras impressões de Yvonne Jean sobre o Brasil, mas as informações apontadas acima são fundamentais para a formação do mapa de locais frequentados por ela nos primeiros momentos no Rio de Janeiro. O Grande Hotel Internacional, além de ter sido um local de luxo, ficou conhecido por oferecer vista privilegiada da cidade e um exuberante entorno natural. Os espaços frequentados por Yvonne Jean, certamente, contribuíram

PENSAR FORA DO EIXO

para as suas impressões sobre o país do qual pouco sabia, “o mais complexo do mundo”, mas que em um ano de vivência já estava “começando a amar”.

No âmbito profissional, a primeira menção a algum trabalho pode ser encontrada nos documentos do Arquivo Público do Distrito Federal, em uma correspondência de abril de 1941, na qual Jean apresentou um pedido de demissão do trabalho no Laboratório Silva Araújo-Houssel por “(...) não poder se adaptar ao serviço que lhe foi confiado”. Em seu processo de naturalização, afirma-se que até novembro de 1941 ela viveu às expensas dos pais, mas em 22 de outubro de 1941 foi contratada pelo Ministério da Educação e Saúde como técnica especializada em histologia neuropatológica no Instituto de Neurobiologia do Serviço Nacional de Doenças Mentais, onde ensinou histologia prática e foi encarregada, após algum tempo, das traduções, versões científicas e redação de trabalhos histológicos.

Yvonne Jean afirmou que “(...) era a única especialista formada em histologia nervosa, no Rio naquela época. Muita gente aprendeu a fazer cortes e colorações comigo, desde que eu aprendera segredos técnicos nos famosos Institutos Bunge e de Doenças Tropicais em Antuérpia”. Seu trabalho no Instituto se prolongou até dezembro de 1946, quando abandonou o Instituto para se dedicar exclusivamente ao jornalismo e à literatura: “(...) aceitei o convite de Barreto Leite, quando à frente do ‘Diário de Notícias’, e comecei a fazer artigos literários. Depois larguei por completo o laboratório (não tenho alma de cientista)”.

No Brasil, entretanto, sua carreira literária se iniciou rapidamente, em outubro de 1940, na redação da revista Universal, onde contribuiu até 1943. Sua estreia no Diário de Notícias foi no dia 12 de outubro de 1941, com o texto “Viagem absurda” que relata sua chegada ao Rio de Janeiro. Nesse jornal trabalhou até 21 de outubro de 1948 com crônicas diárias, artigos e a coluna Presença de Mulher. E na sequência, escreveu no Correio da Manhã, com algumas publicações esporádicas em setembro e outubro, se tornando regulares a partir de novembro de 1948 até dezembro de 1952, contribuindo novamente com a coluna Presença de Mulher, com crônicas diárias, entrevistas, artigos e reportagens.

O início dessa carreira, no Brasil, parece ter endereço preciso na Rua do Ouvidor, nº 110, no Rio de Janeiro. Em Memórias da Rua do Ouvidor, de 1878, o escritor Joaquim Manuel de Macedo se refere à rua como “a mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica”. Como importante ponto da vida social e cultural do Rio de Janeiro, ali estava instalado um conjunto comercial importante de lojas de moda,

PENSAR FORA DO EIXO

jornais e editoras e livrarias relevantes como a Garnier que publicava, por exemplo, Machado de Assis, Macedo e José de Alencar.

Em 1934, no nº 110 foi inaugurada a Livraria José Olympio, fundada em 1931 na cidade de São Paulo por José Olympio Pereira Filho, após a aquisição de uma das maiores coleções particulares de livro, pertencente a Alfredo Pujol (SOARES, 2006). A livraria, que também funcionou como editora, assumiu uma posição de destaque durante as décadas de 1940 e 1950 no mercado editorial ao ser responsável pela publicação de quase 90% dos autores nacionais, com nomes fundamentais como Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Marques Rebelo.

Quando os proprietários do nº 110 interromperam o contrato de aluguel e o prédio foi demolido, a livraria perdeu seu espaço físico e encerrou suas atividades, em 1955. A José Olympio seguiu como editora e, atualmente, o selo faz parte do Grupo Editorial Record. Além da venda e produção de livros, seu espaço era ponto de encontro de escritores, jornalistas e intelectuais, "(...) no fundo da livraria, que já não existe mais, reuniam-se escritores em torno de Graciliano - José Lins do Rego, sempre; Marques Rebelo, Osório Borba, os Condé, Jorge de Lima, Santa Rosa, José Américo, muitas vezes; e outros, ao acaso dos dias".

É inegável que esses encontros impulsionaram a trajetória de Yvonne Jean na literatura, pois na livraria, ela estreitou laços com Graciliano Ramos e contava com sua ajuda, procurando-o "(...) cada vez que meu pensamento confuso não queria clarificar-se, ou quando uma ou outra dúvida gramatical me assaltava. Em vez de dar uma explicação rápida, sempre encontrava tempo para me dar uma aula de gramática, ou sintaxe, ou linguística, ou Literatura Brasileira, ou até de política".

Apesar caracterizá-lo como amargo e pessimista, expôs a generosidade e paciência do escritor e explicitou gratidão pelos ensinamentos e conselhos que incorporou na sua escrita que ele, inicialmente, afirmou que não valia nada, era porcaria e mal escrita. Da dureza dos comentários, Jean entendeu que havia empenho na leitura de seus textos, que

(...) dava-se ao trabalho de ler, corrigir, explicar. Foi a primeira ajuda positiva que recebi no mundo carioca das letras, onde cada vez que mostrava a um jornalista ou escritor, meus rabiscos, diziam que eram ótimos, esplêndidos, extraordinários, quando eu sabia perfeitamente que exprimiam um pensamento ainda não cristalizado num português do qual é melhor não falar! Após estes louvores que não passavam de um desprezo para com a jovem da qual queriam se ver livres, ou, melhor, seguindo o hábito de tempos em que a palavra gênio se distribuía a torto e à direita, as críticas de Graciliano eram um bálsamo e um incentivo. Se minhas elucubrações românticas mereciam leitura e exame crítico, não eram totalmente ruins e talvez valesse a pena repensar e fazer novos esforços! Sem Graciliano, não

PENSAR FORA DO EIXO

teria eu continuado a pensar em jornalismo, e a ele devo o que, vez ou outra, fiz de bom na profissão.

Além da amizade que estabeleceram, mais de uma vez seus caminhos profissionais se cruzaram, Graciliano Ramos foi revisor do Correio da Manhã e Jean mencionou sua ousada tentativa de tradução de Vidas Secas para o francês, o livro que para ela simbolizava "(...) toda a tragédia do Nordeste, da seca, do homem abandonado, da injustiça, de um subdesenvolvimento que a europa que eu ainda era nem imaginara e que ele me fez apalpar e sentir". O trabalho não foi concluído, porque Jean se deparou com o desafio das palavras regionais, ainda difíceis para ela, sentiu que "(...) não estava à altura de traduzir como convinha um livro tão importante (...). Mas valeu a pena tentar porque o trabalho me permitiu chegar aos bastidores das vidas secas e sem rumo que Graciliano me explicava".

Os registros das convivências de Yvonne Jean são diversos - perfis de artistas, escritores, intelectuais nacionais e internacionais em suas colunas, correspondências trocadas com editores, políticos, artistas etc -, é fato que ela conquistou, rapidamente, acesso à elite cultural e intelectual brasileira. Exemplo disso, é sua presença no jantar de aniversário de 50 anos de Graciliano Ramos, realizado no dia 27 de outubro de 1942, apenas um ano após a publicação de seu primeiro texto no Diário de Notícias. A festa foi uma homenagem ao escritor, presidida pelo, então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, e teve como convidados os escritores Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga e Jorge Amado, entre outros grandes nomes.

Apesar de não ser possível precisar como isso se deu, quando associados aos locais que frequentou quando chegou no Rio de Janeiro, pode-se inferir que seus atributos foram favoráveis: sua formação acadêmica e cultural, seus interesses pessoais, sua origem belga, europeia, numa cidade que tinha a cultura francesa como referência. Essa soma pode explicar suas amizades e relações profissionais com referências da literatura, das artes, do jornalismo e do cenário político brasileiro dos anos 1940.

No seu casamento com Abelardo Antonio Scheneider da Fonseca, em 1943, parece haver um alinhamento intelectual e político entre o casal, que além compartilhar amizades e contatos nos meios culturais, também fizeram parcerias profissionais, como na viagem para a Europa, entre 19 de abril de 1948 e 21 de agosto de 1948, comissionada pelo Ministério da Educação e Saúde, a fim de estreitar laços culturais entre o Brasil e a Bélgica e a França. Nessa situação, Yvonne Jean realizou uma série de palestras radiofônicas sobre o movimento cultural brasileiro no Institut

PENSAR FORA DO EIXO

National de Radiodiffusion da Bélgica e coletou informações sobre o sistema educacional dos países visitados.

Nesse momento, Yvonne Jean já era jornalista reconhecida no país, tendo assinado colunas nos principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, colaborado com dezenas de jornais e revistas, concentrando seus temas, principalmente, na educação e cultura, possuía diversos livros infantis publicados, além de livros sobre ensino e cultura. Durante o período que morou em São Paulo, entre 1953 e 1956, deu início a uma longa carreira como intérprete, fazendo traduções simultâneas de congressos de diversas áreas.

No retorno ao Rio de Janeiro, como diretora da Tradux, empresa que manteve com seu marido, prestava serviços de taquigrafia, tradução e tradução simultânea. Através das correspondências da empresa, é possível afirmar que Yvonne Jean já mantinha relações profissionais com Darcy Ribeiro quando este era coordenador da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) e atendeu às suas solicitações por tradução simultânea.

Tendo prática de traduções e sendo intérprete simultânea profissional filiada à Organização Internacional de Intérpretes Simultâneos, propuz ao Professor Darcy Ribeiro organizar futuramente os serviços de interpretação simultânea previsto pelo Plano Orientador da UnB e cuidar, nos primeiros tempos, de traduções e aquisição de um aparelho portátil, (...) o que permitia traduzir, na hora, aulas professores estrangeiros para 40 alunos e facilitar os entendimentos da Reitoria com técnicos estrangeiros.

Se a proposta inovadora de Anísio Teixeira e de Darcy Ribeiro para a educação na nova capital são os atrativos que levam Yvonne Jean a considerar a saída do Rio de Janeiro, ao que tudo indica, foi a tradução que tornou essa mudança para Brasília possível. Nas várias versões de seus currículos, encontramos diferentes atribuições profissionais listadas. Em uma delas consta “intérprete simultânea, tradutora, jornalista, professora”, nessa ordem, em outra versão, lista “intérprete simultânea, tradutora, jornalista, escritora”, numa terceira prioriza “escritora e jornalista”, mas complementa: “exerceu atividades suplementares, sempre relacionadas com a profissão: de professora, tradutora, intérprete simultânea, etc”.

São essas diversas facetas, sua versatilidade, que a tornam uma figura relevante, alguém que navegou pelo campo das artes, da educação, das letras, com extensa produção intelectual. Os registros textuais de Yvonne Jean possibilitam investigar aquilo que Brasília representou nas décadas de 1960 e 1970, a partir de uma perspectiva que soma diferentes camadas, resultando num olhar múltiplo sobre a nova capital: da refugiada judia, da mulher politizada, da jornalista,

PENSAR FORA DO EIXO

escritora, tradutora, galerista - com discurso de amplo alcance em suas colunas nos jornais, livros e discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São inúmeras as pesquisas sobre a cidade de Brasília, com diferentes abordagens e perspectivas. Muito já foi escrito sobre ela e suas representações. Chama a atenção o fato dos escritos de Yvonne Jean sobre a nova capital ainda não serem objeto de pesquisa em nenhum dos casos. A jornalista permanece desconhecida, apagada da história, apesar de ter circulado entre artistas e intelectuais relevantes, de vinte anos de trabalho na imprensa carioca e paulista, e, aproximadamente, uma década de participação regular no *Correio Braziliense* com a publicação de crônicas sobre a cidade.

Conforme sugerido pela pesquisadora e arquiteta Sylvia Ficher (2011), a preservação dos arquivos e a disponibilização de acesso às fontes documentais ampliam as possibilidades de pesquisa no campo da arquitetura e urbanismo, abrindo caminhos para pesquisas históricas mais abrangentes, que fogem da fórmula tradicional, que não coloca obras arquitetônicas e seus autores num foco isolado, mas que buscam relacionar o campo com outras áreas do conhecimento dando-lhe complexidade de análise.

Em oposição aos discursos oficiais proferidos sobre Brasília, os textos de Yvonne Jean possibilitam uma investigação sobre Brasília que corre pela tangente, ou seja, que não está centrada nos atores diretamente envolvidos na concepção e construção da nova capital ou mesmo na crítica especializada, já tão pesquisados. Para compreender o que a cidade representou nas décadas de 1960 e 1970, parte-se de documentos externos à produção do campo. A crônica amplia os discursos sobre a cidade, por muito tempo ignorada em função da associação do gênero literário com o banal ou corriqueiro, que seriam julgados como indignos de uma análise aprofundada sobre o espaço urbano.

Para Antonio Candido, importante crítico literário brasileiro, a crônica retrata a sensibilidade do cotidiano em textos de composição “solta”, como “coisa sem necessidade” e é pano de fundo para a exploração de temas mais profundos. Como gênero literário, “(...) pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (CANDIDO, 2003). Ela comporta uma amplitude temática que inclui denúncias, súplicas, observações do cotidiano, anedotas ou debates políticos. O conjunto de crônicas de Yvonne Jean, seguindo a mesma linha, possibilita uma visão ampla e diversificada dos primeiros anos de Brasília a partir do olhar específico de sua autora.

PENSAR FORA DO EIXO

O “ar despreocupado” da crônica, seu tom narrativo de quem fala de coisas sem importância esconde a crítica social feita com profundidade: “(...) por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem, mais do que poderia fazer um estudo intencional, a visão humana do homem na sua vida de todo o dia” (CANDIDO, 2003). Assim, a análise dos textos busca as revelações acerca da circulação de ideias na nova capital, da apropriação e transformação de conceitos, de referências, colaborações e trocas entre diferentes artistas e intelectuais, as observações e críticas sobre seu tempo, as opiniões sobre acontecimentos. Entende-se que a crônica é, simultaneamente, expressão literária e reduto de inquietações pessoais e intelectuais.

Ressalta-se que o recurso à literatura como fonte para os estudos sobre a cidade está bastante consolidado. Nos anos 1980, os trabalhos de Nicolau Sevcenko e Maria Stella Bresciani foram fundamentais para reforçar as contribuições que a literatura oferece para o campo da história. Para o campo específico da história das cidades, o arquiteto argentino Adrián Gorelik (2009) atenta para as potencialidades e os limites impostos pela literatura como documento de pesquisa:

[...] nem todos os escritores que escrevem sobre uma cidade são interessantes para pensá-la, e esse é outro problema a ser enfrentado, porque o objetivo da história cultural urbana é construir um objeto que ilumine com a mesma potência a literatura (por exemplo) e a cidade, de forma que não se busque na literatura algo que já se sabe sobre a cidade por outras fontes, nem se utilize a cidade para “ilustrar” a literatura. Trata-se de pensar relações entre cidade e sociedade, entre cultura material e histórica da cultura, o que também significa pensá-la entre os diferentes tempos que a atravessam. Para isso, o caminho da história cultural urbana começa a perguntar, de modo aparentemente banal, por que a cidade é como é, por que suas formas são como são, e de que modo essas formas se relacionam com a cultura, a sociedade e a política.

Nesse sentido, a cidade e a literatura compõem um ciclo de retroalimentação, composto, de um lado pelo artefato concreto, o espaço construído, e do outro por sua carga simbólica: as palavras descrevem as transformações da cidade, mas também lhe dão sentido. Nessa confrontação, a cidade deixa de ser considerada apenas o cenário no qual se realizam as ações e produções humanas, Brasília passa, portanto, a ser analisada como o próprio problema e objeto de reflexão a partir das representações que produz.

A pesquisadora e arquiteta Ana Cláudia Veiga de Castro (2016) recorda a ligação estreita entre a literatura e as cidades, uma vez que é no ambiente urbano que se encontram as instituições que fazem parte do universo literário e que fortalecem a circulação dos textos em seus diversos meios: as editoras, as livrarias, bibliotecas, gráficas etc. Enquanto Castro recorda que o surgimento do romance se deu no século XIX como gênero literário eminentemente urbano, com temáticas

PENSAR FORA DO EIXO

relativas aos efeitos da Revolução Industrial, não se pode ignorar que a crônica nasceu no mesmo período, nos *feuilleton* franceses, o folhetim, a seção do jornal que tratava de amenidades, como uma fuga às durezas retratadas nas notícias.

Além disso, como gênero literário urbano, a crônica se tornou importante registro do processo de modernização das principais cidades brasileiras no início do século XX e, apesar de ter surgido nos jornais, está distante de ser considerada um texto jornalístico, “não tem compromisso com a objetividade e a impessoalidade, na imprensa obrigatórios”, como coloca o escritor e cronista Humberto Werneck (2025, p.17).

Melhor seria ver a crônica como bem-vinda contramão no jornalismo. Pois, diferentemente do articulista e do editorialista, que nos dão a impressão de estar falando do alto de um caixotinho, o cronista genuíno parece estar de papo com cada leitor, sentado os dois na informalidade de um meio-fio, em clima de deleitosa cumplicidade.

Nada de procurá-lo, portanto, no topo do edifício, ou mesmo num segundo andar: é por aqui, por este rés do chão, que você vai chegar a seu cronista - a um punhado deles, na verdade, todos graúdos, expoentes daquela que foi, nos anos 1950 e 1960, a era do ouro da crônica brasileira.

Entende-se, portanto, a crônica como um campo de tensões entre o banal cotidiano e a crítica social profunda, entre a trajetória pessoal e intelectual, e possibilita a investigação da nova cidade que se formava. Sua análise somada ao estudo biográfico, compõe os dois caminhos trilhados na investigação das representações de Brasília, a biografia oferece densidade à leitura da crônica, uma vez que amplia o texto, acrescentando-lhe as subjetividades de sua autora, sua rede de sociabilidades, o contexto geral do período em que o texto foi escrito. Enquanto texto literário, a crônica permite investigar o passado – conforme narrado por Yvonne Jean -, por meio de suas representações.

REFERÊNCIAS

- ALMANDOZ, Almandoz. Notas sobre historia cultural urbana: una perspectiva latinoamericana. **Perspectivas urbanas/Urban Perspectives**, Barcelona, ETSAV, v. 1, n.1, p. 29-39, 2002. Disponível em: <<https://red.pucp.edu.pe/ridei/files/2011/08/481.pdf>>.
- BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 203-233.

PENSAR FORA DO EIXO

CANDIDO, Antonio. "A vida ao rés-do-chão". In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Atica, 2003.

CHARTIER, Roger. Crítica textual e história cultural: o texto e a voz, século XVI-XVII. In: **Leitura e prática** - Associação de Leitura no Brasil, nº30. Campinas: ALB, Porto Alegre: Mercado Aberto, dez., 1997. p.67-75.

CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 69, p. 6–30, 2010. Disponível em: < <https://revistas.usp.br/eav/article/view/10510>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. **Público verá o acervo de Yvonne Jean**. 10 de abril de 1987. Edição 08765. Disponível em:<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=96753>.

DE SOUZA, Adriana Barreto; LOPES, Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 5, n. 9, p. 26–37, 2012. DOI: 10.15848/hh.v0i9.473. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/473>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DOSSE, François. A biografia posta à prova da identidade narrativa. **Esferas**, v. 1, n. 25, p. 1 - 36, 17 nov. 2022.

FICHER, Sylvia. Historiografia e documentação. In: Leonardo Barci Castriota. (Org.). **Arquitetura e Documentação**: novas perspectivas para a história da arquitetura. São Paulo: Annablume, 2011, v. 1, p. 251-259.

GORELIK, Adrian. Cultura urbana sob novas perspectivas. Entrevista de Ana Castro e Joana Mello. **Novos Estudos**, Cebrap, São Paulo, n. 84, p. 235-249, 2009.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p. 225-247.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, junho, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (Orgs.). **Lina por escrito**. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi. Coleção Face Norte, volume 13. São Paulo, Cosac Naify, 2009.



PENSAR FORA DO EIXO

TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **Uma cosmopolita nos trópicos**: a trajetória de Yvonne Jean no jornalismo carioca (1940-1950). Dissertação – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2018.

WERNECK, Humberto. **Viagem no país da crônica**. São Paulo: Tinta da China Brasil, 2025.